

Artigo

É melhor prevenir que remediar

Markus Brose, diretor executivo da CARE Brasil



O recente relatório “Economia da Mudança do Clima no Brasil”, publicado em março por um consórcio de instituições públicas, aponta para o fato de que as mudanças climáticas se intensificarão até 2050 as desigualdade regionais. As regiões mais pobres do país, com maior incidência de beneficiários do Bolsa-Família, irão sofrer os maiores impactos.

Os impactos sobre o Nordeste, em especial as regiões semi-áridas, serão os mais intensos, a ponto de merecer um capítulo especial no relatório. Dado o grande número de cidades na costa nordestina, a elevação do nível do mar poderá criar áreas de risco ou mesmo impróprias à manutenção de patrimônio e infraestrutura urbana em grandes faixas de extensão. Deverá ocorrer uma drástica redução da oferta de água, com impactos na oferta de alimentos e na saúde da população. Aumenta a probabilidade da ocorrência casos de desnutrição infantil e de mortalidade infantil por diarreia, nas áreas rurais mais pobres. O rio São Francisco terá sua vazão reduzida afetando a capacidade de geração de energia. Por sua vez, a ampliação do uso de sistema de ar condicionado em residências e empresas por causa das ondas de calor irá aumentar a demanda por energia. A agricultura de irrigação irá sofrer duplamente mediante redução da oferta de água, bem como redução da oferta de energia. No Ceará, o encolhimento de áreas favoráveis ao cultivo de milho, arroz, feijão, algodão e girassol pode alcançar 79,6% do estado.

O conceito de justiça ambiental está alicerçado na idéia de que os benefícios e os impactos decorrentes do uso dos recursos naturais devem estar igualmente distribuídos entre toda a população. As mudanças climáticas alteram isso. Em outras palavras, a população do Nordeste, que pouco ou nada contribuiu para as mudanças climáticas, estará entre as mais afetadas pelos seus impactos.

A resposta a esta situação de injustiça ambiental está na adaptação às mudanças climáticas. No Sudeste e Sul do país, a adaptação começou na esfera individual, por exemplo, através da ampliação do mercado do seguro residencial. Nos primeiros quatro meses do ano, houve um aumento de 40% nas contratações de seguro residencial e predial por causa da maior incidência de raios e vendavais. Mas em larga escala, a adaptação tem que ocorrer de modo coletivo.

A sociedade, em especial nossa economia, não deve esperar pelos eventos climáticos extremos, principalmente secas e enchentes, que serão cada vez mais comuns no Nordeste. Conforme o dito popular: “é melhor prevenir que remediar”. Esta não é apenas uma lição da vida, estudos de impacto demonstram que a cada R\$ 1 investido na prevenção da emergências climáticas são economizados R\$ 7 que seriam gastos na remediação dos danos.

É necessário ampliar a capacidade de adaptação tanto das famílias como da coletividade. Precisamos qualificar e expandir a capacidade da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros em prever e minimizar os danos imediatos de eventos climáticos extremos. Além disso, precisamos oferecer portas de saída da vulnerabilidade das famílias que vêm do Bolsa Família ou dependem da agricultura familiar de subsistência. A longo prazo, a melhor ferramenta de redução da vulnerabilidade e aumento da capacidade de adaptação está na melhoria da educação pública. Tanto pela introdução dos temas de desenvolvimento local e mudanças climáticas no currículo, como também na qualificação da formação empreendedora dos jovens.

Artigo

É melhor prevenir que remediar

Markus Brose, diretor executivo da CARE Brasil



Tendo em vista esse cenário, o projeto “Mudanças climáticas, comunicação e desenvolvimento local no Ceará” desenvolvido pela CARE Brasil em parceria com o grupo O POVO busca contribuir para o melhor entendimento das pessoas sobre as mudanças climáticas, trazendo informações qualificadas para a população do Nordeste, em especial do Ceará, ao longo de três cadernos especiais sobre o tema. O acesso à informação e sua compreensão é o primeiro passo para a ação!

**Markus Brose é diretor executivo da CARE Brasil, agrônomo, mestre em Gestão Pública pela Universidade de Londres e doutor em Sociologia Política pela Universidade de Osnabrueck/Alemanha.*

Sobre a CARE Brasil

A CARE é uma organização global, com mais de 60 anos de experiência, que trabalha de diferentes formas para combater a pobreza no mundo, com forte atuação também em emergências humanitárias. No Brasil, atua desde 2001 na promoção do desenvolvimento local investindo na geração de renda, educação e mobilização social. Para mais informações, visite: www.care.org.br.